As literaturas negra, africana de língua portuguesa e afrodiaspórica em cena: Subsídios para a formação de acervos bibliográficos de feição

Wellington Marçal de Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil
marcalwellington@yahoo.com.br

Resumo: Objetiva discutir os sentidos e desdobramentos de manifestações literárias assinaladas no âmbito da literatura negra e das literaturas africanas de língua portuguesa. Para tanto é apresentado o percurso dessa literatura, bem como, alguns aspectos do movimento da Negritude serão problematizados. As reverberações desse movimento auxiliarão na compreensão da representação do negro na literatura brasileira, com suas conflitantes configurações. Essa caminhada auxiliará na percepção do tom insurgente, especificamente na produção literária brasileira mais recente, tanto na temática, quanto nas vozes enunciativas que as agenciam. Será ressaltada a importância de obras como a Coletânea Literatura e Afrodescendência e dos Cadernos Negros, bem como, do portal eletrônico literafro (NEIA/FALE/UFMG), somadas a algumas outras fontes de informação especializadas nessa temática. Atenção verticalizada será conferida a apresentar a seção, abrigada no Portal literafro, denominada literÁfricas, coordenada pela Professora Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca, uma das pesquisadoras referência no Brasil e no exterior no trabalho com essas literaturas. Nesse local de atuação formata-se acervo de textos críticos sobre a literatura dos CINCO (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), as literaturas afrodiaspóricas, estudos comparados dessas literaturas e entrevistas. Ao fim do percurso, almeja-se municiar bibliotecárias(os) e demais interessados do campo da Ciência da Informação com ferramentas para povoar a prática profissional com discursividades outras, que não as historicamente tornadas hegemônicas e, consequentemente, contribuir para que as práticas de formação e desenvolvimento de acervos em unidades de informação integrem, em suas estratégias de seleção, táticas de reposicionamento de textos literários oriundos de espaços e gestados por escritores e escritoras cuja produção tem sido, durantes séculos, lançadas em panorama de fundo vago, ou mesmo, banidas das instituições bibliotecárias.

Palavras-chave: Biblioteconomia antirracista; Literatura negra; Formação e desenvolvimento de acervos; Fontes de informação especializada; literÁfricas.

Dos motivos para a ação insurgente

"Mas nem a Literatura, nem a especulação intelectual
são inocentes e inofensivas."
(Aimé Césaire)

A instalação The British Library, de 2014, do artista nigeriano-britânico Yinka Shonibare funciona como mote para o presente ensaio uma vez que são múltiplas as possibilidades de leitura que esse trabalho artístico autoriza. Shonibare coloca em foco a atualíssima discussão sobre deslocamento de pessoas, por uma gama variada de motivos e encapa cada um dos 6.328 livros da instalação com o tecido dutch wax, uma das assinaturas de seu projeto artístico. É viável problematizar os conflitos identitários que o convívio entre povos detona e, também, sobre as forças que determinam quem pode permanecer e de que forma, e, ao fim, quem é lançado para "panorama de fundo vago", retomando parte da reflexão do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005). Esse belicoso jogo de presença/ausência, que parece assentar-se nas prateleiras da instalação shonibariana, em alguma medida, materializa-se, salvo melhor juízo, nos processos de tomada de decisão de profissionais, sobretudo pessoas bibliotecárias, para formação e desenvolvimento de acervos, aqui no Brasil.

Não por acaso, agenciamentos sociais em solo brasileiro tem pautado suas ações, notadamente no campo da atuação profissional bibliotecária, em forçar a incorporação de títulos, a duras penas, de literatura negra, africana de língua portuguesa e afrodiaspórica nos acervos bibliográficos abrigados em instituições de tipologia vária, objetivando reduzir a aviltante assimetria dessas vozes literárias na arena de lutas constituída pelas prateleiras das unidades de informação. Essa empreitada é não só prioritária, pelo menos para parcela do tecido social que se insurge contra esse apagamento orquestrado, como fundamental para redirecionar os rumos da configuração societária nacional no sentido de desnutrir a imagem que insiste em referendar o Brasil como uma nação racialmente democrática.

A formação de acervos pode ser considerada na senda de parte da reflexão do geógrafo brasileiro Milton Santos, quando das explanações para definir o conceito de espaço. Comunga-se com Santos (2002, p. 317) quando postula que o "espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual." Defende-se, no presente ensaio, que o conjunto de ações que podem e devem ser perpetradas, por profissionais do campo da Biblioteconomia responsáveis pela composição de acervos, para povoar as coleções com produção literária de cariz negro, africano de língua portuguesa e afrodiaspórico performatiza uma disputa, nos termos apontados por Santos. Assim, na sequência, pretende-se tecer algumas considerações sobre como superar o desafio de desenvolver ou amplificar a presença dessa literatura nas coleções.

Acerca da literatura negra e afro-brasileira e além

Para vencer o desafio mencionado anteriormente é de primeira importância angariar alguma familiaridade com a movimentação, em distintas partes do mundo, que pavimentou, a duras penas, o surgimento e consolidação de uma literatura com características específicas, a negra, ponto de interesse central no presente ensaio. São valiosas as informações apresentadas pela Professora brasileira Maria Nazareth Soares Fonseca, uma das pioneiras no estabelecimento do campo dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa no cenário acadêmico nacional, a respeito do que se configura literatura negra.

Fonseca (2014) aponta, em termos contextuais, o início do século XX, nos Estados Unidos da América, em que surgiu uma gama de manifestações literárias posteriormente conhecidas como Renascimento Negro Norte-americano composto de três vertentes: Black Renaissance, New Negro e Harlem Renaissance. A pauta por eles assumida era a "assunção dos vínculos que o ligavam ao continente africano e pela rejeição aos valores defendidos pela chamada 'white middle-*class'* norte-americana" (FONSECA, 2014). Nessa fase germinal, adstrita à década de 1920, algumas publicações se debruçaram em pautar a "segregação vivida pelo negro norte-americano e [a] luta pela conscientização de seus direitos como cidadão" (FONSECA, 2014): organizada por Alain Locke a obra New negro, por Countee Cullen o volume Color, por Langston Hughes o título Weary blues e o romance Black princess por Du Bois. Tanto a literatura quanto a música negras, especificamente o jazz, soul e blues, se acoplam-se na simbolização do novo negro, cônscio de sua contribuição no desenho social que até então o menospreza. De acordo com Fonseca (2014), a produção literária de escritores negros norte-americanos, dos anos 1920 e 1930, foi responsável "pela afirmação de uma blackness, uma consciência de ser negro, que fortaleceu a luta pelos direitos civis dos afro-americanos, [bem como], contaminou outros movimentos que surgiriam, um pouco mais tarde, na Europa, nas Antilhas, no Caribe e em diferentes regiões da África colonizada".

Essa produção literária estadunidense, assinala Fonseca (2014), confere visibilidade à situação vivida pelos escravizados e seus descendentes na ordem social implantada naquele país; encampa a luta pela conscientização do homem negro embebendo-se de ideias iluministas e do Romantismo; teima em exibir o sofrimento do que chama de desterrados do mundo; demonstra compromisso com a luta pelo reconhecimento dos direitos civis dos afrodescendentes e perfila-se contra o preconceito racial. Desdobra-se, dessa pauta, linhas de força que deram substrato ao conceito de 'literatura negra' e ao que o configura. Nesse sentido, atesta Fonseca (2014), que a literatura negra celebra concepções e valores próprios de diferentes culturas africanas e, ao mesmo tempo, busca uma origem africana (que redundará por vezes na representação de uma África mítica, imaginada e, até mesmo, na retomada de alguns clichês sobre o exotismo do continente).

A potência desse movimento de aclamação da temática negra e do continente mãe, a África, serve de mecanismo para denunciar a perseguição dos negros e o linchamento de vários deles, pela organização racista Ku Klux Klan, além de espraiar-se no que viria a ser o Negrismo

cubano “Negrismo crioulo e Cubania, [cuja] tônica será a apreensão de costumes da cultura crioula” (FONSECA, 2014). São fruto desse movimento, em Cuba, obras produzidas por Nicolás Guillén, tais como West Indies Ltd.: poemas e Sóngoro cosongo y otros poemas.

Em solo francês, retomada das vozes dos escritores norte-americanos que chegavam na Europa, contribuíram para o nascimento, em Paris, do Movimento Negritude, nos anos de 1930. Podem ser destacadas três publicações que simbolizam o turbilhão do Renascimento negro parisiense nos anos 1930 e 1940: a revista Légitime Defense, de 1932, a revista Présence Africaine, de 1947, “grande disseminadora de ideias e tendências literárias de intelectuais e escritores africanos na diáspora” (FONSECA, 2014) e o jornal *L’Etu*diant Noir, de 1934, no qual “a palavra NEGRITUDE é empregada pela primeira vez para indicar o repúdio à assimilação cultural e à propagação de ideias sobre a incapacidade de o homem negro – entendido como metonímia do continente africano – de construir uma civilização” (FONSECA, 2014). O movimento se consolida e publiciza relevantes obras literárias, tais como: Pigments, de L. G. Damas, Diário de um retorno ao país natal de Aimé Césaire e, de Léopold Sedar Senghor, a Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgaxe de langue française. No continente africano, destaca-se a História da poesia negra, “antologia organizada pelo angolano Mário Pinto de Andrade e pelo são-tomense Francisco José Tenreiro (1953). O prefácio, [...] do incansável estudioso das literaturas africanas de língua portuguesa, Manuel Ferreira, afirma que a coleção ‘não assumiria um carácter ‘racial’, mas temático e ideológico’” (FONSECA, 2014). Interessante retomar o destaque quanto à expressão ‘poesia negra’ que consta no título da Antologia que, segundo Fonseca (2014), expressou o desejo de levar ao público leitor a voz de escritores condenados à exclusão pelo fato de descenderem de um povo – os africanos – que o mundo ocidental racializou.”

A Negritude, de acordo com Fonseca (2014), “pode ser considerada o prolongamento mais importante das ideias que fomentaram os movimentos do Renascimento Negro Norte-americano, do Negrismo Cubano e do Indigenismo Haitiano.” Um dos fundadores do Movimento Negritude, o martiniquense Aimé Fernand David Césaire[1], em discurso proferido em Miami, em 1987, expõe sua análise, após décadas do surgimento desse divisor de águas cujo um dos líderes foi ele próprio:

> A Negritude não é uma pretensiosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas. [...] Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade. [...] A Negritude resulta de uma atitude proativa e

[1] Para mais informações sobre o trabalho incontornável de Aimé Césaire ver Fonseca (2013)

> combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta. Mas, então, me dirão os senhores, revolta contra o quê? [...] uma revolta contra aquilo que eu chamaria de reducionismo europeu. A Negritude nos levava a nós mesmos. E de fato, era – após uma longa frustração - , era a apropriação do nosso passado por nós mesmos e, por meio da poesia, por meio do imaginário, por meio do romance, por meio das obras de arte, a fulguração intermitente do nosso possível devir. [...] A Negritude foi tudo isso: busca da nossa identidade, afirmação do nosso direito à diferença, aviso dado a todos do reconhecimento desse direito e do respeito à nossa personalidade coletiva. (CÉSAIRE, 2010)

Como se percebe, o eixo programático da Negritude, conforme assevera Fonseca (2014), auxilia a compreensão de "uma literatura que se empenhava em assumir a condição dos negros na diáspora, mas também se fortalecia com a defesa da luta contra o colonialismo que e se expandia nos países africanos, nos quais, muitas vezes, as questões de identidade assumiam um valor que se desprendia da cor da pele do indivíduo."

Quando se focaliza a reverberação dessas questões no âmbito da literatura que se produzia no Brasil, especificamente no que diz respeito à poesia negra, o marco é a série Cadernos Negros, lançada em 1978, muito embora se deva ter em conta o fato de que "muitos escritores, antes mesmo da extinção do tráfico negreiro, no séc. XIX, produziram textos em que é abordada a questão negra" (FONSECA, 2014). Sobre essa publicação editada pelo Movimento Quilombhoje deve-se atentar que a série

> procura furar o cerco de imcompreensões e dificuldades [desse grupo de autores e autoras]; se propunha, via literatura, a legítima defesa dos valores do povo negro brasileiro. [...] Intenção sempre presente de denunciar a exclusão aludindo às diferentes marcas que ela deixa nos discriminados reitera o compromisso que a publicação continua a ter com os problemas vividos por uma parcela significativa da população brasileira seja pelo detalhamento de situações de penúria, seja pela ironia mordaz presente em muitos textos (FONSECA, 2014).

A nomeação ou a qualificação de "negra" posposta à literatura é questão intensamente debatida pelos teóricos da literatura brasileira, desde os anos 1980 ou mesmo antes desse período e, uma tomada de posição, a esse respeito, é dada a conhecer por Domício Proença Filho em sua proposta de definição:

> [...] será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização

> cultural. Lato sensu, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões particulares aos negros ou aos descendentes de negros (PROENÇA FILHO, 1988, p. 78, destaques no original)

Ainda na mesma reflexão Proença Filho (1988) cartografa as formas como está inscrita a figuração do negro na literatura brasileira em dois grandes grupos: enquanto um objeto, em uma visão distanciada e, por outro lado, o negro como sujeito, demarcando uma atitude mais compromissada. Nessa ambiência, representações do negro como escravizado ou ex-escravizado estão figuradas por Gregório de Matos em seus Poemas, no romance de Bernardo Guimarães A escrava Isaura ou, ainda, no romance O mulato de Aluísio Azevedo. Já nas obras O navio negreiro de Castro Alves, A carne de Júlio Ribeiro, ou, ainda, em O presidente negro de Monteiro Lobato, presentificam-se "imagens e idealizações do 'negro vítima', [bem como] estereótipos do 'negro ruim, depravado', do 'negro selvagem, instintivo'" (FONSECA, 2014).

Cumpre salientar, no presente ensaio, o quanto é especioso, ainda que dentro do contexto de sua produção, os versos iniciais de Castro Alves em seu celebérrimo poema O navio negreiro, em que apresenta a cena onírica não se furtando a qualificar os homens negros de "horrendos".

Fonseca (2014) chama a atenção para o relevante trabalho feito nas décadas de 1920, 1930 e 1940 por jornalistas e escritores negros que "propiciaram a organização de grupos e edição de jornais, caracterizados como 'imprensa negra', em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte". Esse é o caso dos jornais O Menelick, A voz da raça, Leite criôlo, *O clarim d'Alvorada* e Quilombo.

A professora Maria Nazareth Soares Fonseca sistematiza um entendimento de literatura negra valioso para apreensão dessa complexa temática ao mesmo tempo em que aponta o embate que as obras desse grupo experienciam tão logo são publicadas. Para a pesquisadora brasileira a literatura negra

> [...] não se configura como um gênero literário nem se mostra a partir de gêneros discursivos específicos. Ora configurada a partir da afirmação étnica ou de marcas de busca de uma identidade negra ou afro-brasileira, ora construindo outros percursos marcados por autores, invenções literárias, temas, situando-se, como assinala Otávio Ianii (1988) por dentro e por fora da literatura brasileira, ela é pauta de discussão em vários momentos entre teóricos, críticos literários, escritores e públicos. Se se pode com maior facilidade acompanhar, [...] a presença de personagens negras em obras da literatura brasileira, o mesmo não se pode dizer acerca dos significados dados à expressão 'literatura negra' ao longo do processo de construção de sua história. [...] Circulando por espaços nem sempre visíveis por olhares desarmados, as coletâneas ainda enfrentam a resistência do leitor que não convive com os textos na escola ou não os identifica nos apelos publicitários das grandes livrarias. (FONSECA, 2014)

Numa outra vertente podem ser arrolados os projetos literários de escritores e escritoras que argutamente souberam arquitetar no bojo de suas enunciações literárias, mesmo em contexto histórico adverso, um posicionamento contrário ao regime escravocrata. Perfilam-se nesse frente, por exemplo, Machado de Assis, que tem sido a duras penas, por parte da crítica literária e movimentos sociais organizados, lido corretamente como um escritor afrodescendente. O pesquisador brasileiro Eduardo de Assis Duarte, em relação ao caso Machado de Assis, grifa o empenho de Assis "em denunciar a crueldade do sistema e a hipocrisia dos escravocratas recém-convertidos ao abolicionismo" (DUARTE, 2011). Também podem ser citados os escritores Cruz e Souza, Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis como argutos manejadores da palavra para vazar imagens do negro e da negrura diametralmente críticas ao tecido social de seus tempos. Essa transgressão da imagem estereotipada também conforma obras como Clara dos anjos de Lima Barreto, Cantares ao meu povo de Solano Trindade, Os tambores de São Luís de Josué Montello, Luanda Beira Bahia de Adonias Filho e Viva o povo brasileiro de João Ubaldo Ribeiro. Bem emblemático é o caso de Maria Firmina dos Reis, que tem sido cada vez mais estudada por uma parcela da academia brasileira, fato que vem a corrigir o alargado tempo em que a produção insurgente dessa mulher esteve relegado à mecanismos de silenciamento e apagamento. Vale uma breve notícia biográfica de Firmina: nasceu em 1822 na Ilha de São Luís, antiga capital da província do Maranhão, filha de uma escrava alforriada, Leonor Felippa dos Reis. Em 1847 foi aprovada no concurso estadual para a cadeira de instrução primária. Em 1859, ainda sob o pseudônimo Uma Maranhense, estratégia utilizada para escapar da censura racial, publica o romance Úrsula. Em 1880, aos 55 anos de idade, funda uma escola gratuita e mista. Em 1888 compõe o Hino da Libertação dos Escravos, com letra e música. Falece aos 95 anos, em 1917. É notável pensar na trajetória incomum e pioneira, em vários aspectos, dessa afrodescendente nascida fora do casamento e que viveu num contexto de extrema segregação racial e social. Em seu romance inaugural, mas não só, coloca na cena enunciativa a voz de escravizados e seu ponto de vista compondo o negro não como um submisso, coitado e resignado. Sendo filha de mãe alforriada, pode-se afirmar que Reis praticou a escrevivência, como postula o conceito cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, notadamente no romance Úrsula, obra que ficou relegada ao esquecimento adredemente planejado durante, praticamente, um século. Pode-se afirmar que no romance Úrsula, Reis materializa uma escrita pioneira e transgressora, em vários aspectos, enuncia a superação dos obstáculos impostos pela sociedade escravocrata à sua cor, rasura o espaço predominantemente masculino na ficção do séc. XIX além de denunciar não só a escravidão, como também, a condição da mulher na sociedade falocentrada de sua época.

Tão desafiadora quanto a tarefa de circunscrever os "sentidos e as ramificações" da literatura negra, retomando o belo título da reflexão da Professora Maria Nazareth fartamente convocado até aqui, no presente ensaio é a tarefa de conceituar o que vem a ser a literatura afro-brasileira. É bem elucidativa a argumentação do Professor Eduardo de Assis Duarte (2007) ao afirmar que "a expressão 'afro-brasileira' procura também se afastar de questões postas pela

crítica e não respondidas de forma satisfatória." Duarte (2007) elenca um conjunto de cinco fatores e suas respectivas características que devem ser levadas em conta para identificação da literatura afro-brasileira. São eles:

> i) temática: a temática negra envolve as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Brasil, destacando a riqueza de mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade. Contempla o resgate da história do povo negro; ii) autoria: volta-se à escrita proveniente de autor afro-brasileiro. A autoria não pode ser vista apenas como um dado exterior, mas na condição de traduzida em constante discursiva integrada à materialidade da construção literária, ou seja, indissociável do autor que a produz e do contexto em que é produzida; iii)ponto de vista: o ponto de vista adotado configura-se em indicador precioso não apenas da visão de mundo autoral, mas também do universo axiológico vigente no texto, ou seja, do conjunto de valores morais e ideológicos que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação. Apresenta um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro; iv) linguagem: a linguagem é, sem dúvida, um dos fatores instituintes da diferença cultural no texto literário. Assim, a afro-brasilidade tornar-se-á visível já a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e mesmo toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes em um trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua; v) público leitor: a formação de um público específico, marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária, compõe a faceta algo utópica do projeto literário afro-brasileiro (DUARTE, 2007).

À guisa de exemplo de um projeto literário que se encaixaria nessa temática pode ser observado o percurso da escritora, do estado brasileiro de Minas Gerais, Lílian Paula Serra e Deus. Nascida em 05 de fevereiro de 1980, com graduação, mestrado e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, foi professora do Instituto Federal do Norte de MG e, atualmente, é professora adjunta na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), campus Malês, Bahia e integrante do Grupo de Estudo Estéticas Diaspóricas (GEED/CNPq/UFVJM/UNILAB). No campo acadêmico produziu, sob orientação da Professora Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca, a dissertação A língua é minha pátria: hibridação e expressão de identidades nas literaturas africanas de língua portuguesa (2012) e a tese Memória, identidades e bastardias em As visitas do Dr. Valdez, de João Paulo Borges Coelho, O outro pé da sereia, de Mia Couto e Leite derramado, de Chico Buarque (2016) (CARVALHO; BRANDÃO, 2022). No campo da ficção já publicou, em 2017, o volume de poemas A palavra em preto e branco; em 2020, o volume de contos Não é preciso ter útero para ser mulher e, em 2020, o romance Os caras da casa de vidro. Integrou as seguintes antologias:

Cadernos Negros 42: contos afro-brasileiros (2017), Pela janela do quarto: visões da quarentena (2021) e Cadernos Negros 43: poemas afro-brasileiros (2020).

Deve ser considerado, tamanha a sua importância, antologia em 4 volumes, lançada em 2008 pela Editora da UFMG, que reúne uma centena de escritores de todo o Brasil, desde o período colonial, além de um conjunto de 61 pesquisadores e intelectuais que discutem distintos aspectos dessa pujante literatura fortemente assentada numa perspectiva afro-brasileira, intitulada Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. A empreitada foi coordenada pelo Professor Eduardo de Assis Duarte que contou, para o volume 4, de textos críticos, com a parceria na coordenação da Professora Maria Nazareth Soares Fonseca:

> A publicação é resultado de enorme esforço de mapeamento e seleção em rede – lançando mão em grande parte de mensagens eletrônicas –, que distinguiu autores de ficção, teatro e poesia com pelo menos um livro publicado. Há mais poetas que autores de prosa. “A poesia parece ser o ponto de partida de grande parte desses autores. No momento, cresce a produção em prosa, sobretudo de contos”, afirma Eduardo Duarte. Quanto à distribuição por gênero, ele ressalta que até meados do século 20, é imenso o predomínio da autoria masculina. “A mulher negra surge, então, mais como personagem, embora com tratamento diferente daquele dado, em especial, às mulatas pela escrita dos brancos.” Nas três últimas décadas, acrescenta o organizador, cresceu bastante a participação da mulher como autora.
>
> O primeiro volume de Literatura e afrodescendência no Brasil é dedicado aos “precursores”, autores nascidos antes de 1930: desde Domingos Caldas Barbosa, no século 18, até Machado e José do Patrocínio. A antologia segue com os escritores que publicaram na segunda metade do século passado, como Domício Proença Filho e Francisca Souza da Silva, que tratou das cozinhas, ruas e favelas brasileiras.
>
> O volume 3 aborda 39 autores contemporâneos, como Esmeralda Ribeiro, Paulo Lins e José Carlos Limeira. Na última parte, a obra reflete sobre o projeto de uma literatura afro-brasileira explorando visões contrastantes. Há depoimentos de Abdias Nascimento e Cuti – poeta e ficcionista, fundador da série Cadernos Negros – e textos críticos de Silviano Santiago, Zilá Bernd e Regina Dalcastagnè, entre outros. (RIGUEIRA JÚNIOR, 2011)

Sob certo ângulo, a antologia afrodescendente apresenta-se também, em projeto de intenso trabalho liderado pelo Professor Eduardo de Assis Duarte, em ambiente virtual, no literafro – Portal da Literatura Afro-brasileira, http://www.letras.ufmg.br/literafro/, que celebra mais de duas décadas de existência. Abrigado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Em entrevista, o Professor Eduardo explicita a motivação que o levou a criar o portal literafro:

> Basicamente, a necessidade de ler os negros na universidade. De trazer a vertente afro-identificada, presente nas bordas da literatura brasileira canônica para nossas

> salas de aula. Logicamente, ler, para nós professores e estudantes, significa pesquisar, refletir e produzir conhecimento crítico sobre o material lido. Essa a razão primordial. O veio afro da literatura brasileira existe desde tempos imemoriais, mas não figura nos compêndios de nossa história literária. Essa ausência, que se repete no âmbito da produção literária feminina, sempre incomodou e sempre motivou iniciativas individuais de resgate de textos esquecidos. A partir de 2001, começamos a reunir pesquisadores de todas as regiões do Brasil, com vistas ao resgate de autoras e autores identificados com o projeto, hoje centenário, da literatura negra ocidental. Esse grupo reuniu 65 pesquisadores de 27 universidades brasileiras e do exterior. Como resultado desse trabalho surgiu, em fins de 2004, o Portal literafro – por uma decisão do grupo, grafado assim em negrito e com letra minúscula, como forma de destacar na grafia o lugar periférico ocupado por esses autores. E somente 10 anos depois, em 2011, conseguimos publicar, finalmente, a coleção Literatura e afrodescendência no Brasil em 4 volumes, com estudos detalhados de 100 autoras e autores negros brasileiros. Mas, a razão primordial foi – e continua sendo – esta: a de propiciar a estudantes, pesquisadores e demais interessados o acesso ao acervo literário afro-brasileiro como forma de resgatá-lo do esquecimento (TANUS, 2018, p. 100).

Fecha esse conjunto de indicações do que se pode considerar como fontes de informação especializada em literaturas negras, afro-brasileira e africanas de língua portuguesa, a mais recente aba abrigada no portal literafro, denominada literÁfricas, http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafricas, projeto coordenado pela Professora Maria Nazareth Soares Fonseca. Em apertada síntese o projeto pode ser assim apresentado:

> Em 2020, o GEED assumiu a Aba – literÁfricas, no portal do literafro administrado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA), da FALE/UFMG. Nesse novo local de atuação, o GEED se responsabilizará pela postagem de textos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, em particular, e sobre outras literaturas do continente africano, bem como sobre obras de autores e autoras afrodescendentes, oriundos de diferentes países, procurando não interferir nos objetivos do literafro, que é responsável pela publicação de textos críticos sobre a literatura afro-brasileira. Devido ao forte vínculo do GEED com as literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, optou-se por postar na Aba/Seção literÁfricas, a partir de 2021, textos mais gerais sobre a história das literaturas africanas escritas em português, bem como artigos específicos sobre autores e autoras dessas literaturas. Serão também postados textos críticos de autoria dos integrantes do GEED, já publicados em periódicos nacionais e estrangeiros sobre os temas e questões discutidos pelos pesquisadores. Com o propósito de oferecer on-line textos que auxiliem estudantes e pesquisadores das literaturas africanas de língua portuguesa, mas também das literaturas do continente africano escritas em inglês e francês, a

> aba literÁfricas procurará produzir e divulgar as pesquisas que expressam a seriedade e o entusiasmo que fomentam as várias atividades do GEED ao longo de sua trajetória. (FONSECA, 2020, destaques no original)

O expressivo número de acesso, sobretudo aos textos panorâmicos sobre o sistema literário de cada um dos países africanos de língua portuguesa (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe) e, de igual modo, aos quase 300 textos dispostos em cada uma das sub-abas indicia a relevância da empreitada e a necessidade de manutenção dos esforços para permanente povoamento dessa fonte de compartilhamento de informações especializadas.

Considerações finais, ou, resistir e desobedecer é preciso demais!

O trajeto aqui percorrido intentou arregimentar subsídios para dotar, pontualmente, o ato decisório da pessoa bibliotecária responsável, em alguma medida, pelo desenho de coleções bibliográficas em unidades de informação, em quaisquer formatos, de uma feição negritudinista e afro-brasileira. Ao retomar, ainda que brevemente, no escopo deste ensaio, substrato teórico que historiciza os modos como surgiram e se consolidaram a literatura negra, africana de língua portuguesa, afro-brasileira e afrodiaspórica, almeja-se elencar informações preciosas para, ao fim, influenciar a que títulos literários produzidos por escritoras e escritores dessas literaturas aumentem a presença em acervos brasileiros.

A tarefa não é trivial, mas é da maior urgência e indubitavelmente a pessoa bibliotecária é chave para redimensionar as diretrizes praticadas, em âmbito nacional, quando dos processos decisórios sobre os itens que compõem e comporão as coleções disponibilizadas para a audiência leitora.

Acredita-se na contribuição dessa reflexão para o fortalecimento das ações em curso, bem como, das que se iniciarão para tornar prateleiras em que estão alocados livros, virtuais ou não, mais fidedignas ao diverso alinhave do tecido social brasileiro.

Agradecimentos

Dedico esse texto à Maria Clarice, minha filha e à Flavinha, minha esposa. Agradeço ao GEED (CNPq/UFVJM/UNILB) e ao NERSI (ECI/UFMG) pela partilha de conhecimentos que me incentivam a enfrentar o desafio de pensar de forma insurgente minhas pesquisas no campo dos Estudos Literários e da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Agradeço especialmente à Franciéle Carneiro Garcês da Silva pelas palavras de incentivo sobre a pertinência da reflexão apresentada neste ensaio.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 170 p.

CARVALHO; Wellington Marçal de; BRANDÃO, Mírian Lúcia Brandão. Uma escrita que acerta o ponto do curau: a geografia do acolhimento em contos de Lílian Paula Serra e Deus. Revista De Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé, Porto Velho – RO, v. 14, n. 4, p. 87–113.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a Negritude. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. 119 p. (Coleção Vozes da diáspora negra; v. 3).

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.). A mente afrobrasileira. Trenton – NJ, EUA/ Asmara, Eritréia: África World Press, 2007, p. 103 – 112.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. Portal literafro. 2011. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira. Acesso em: 14 mar. 2024

FONSECA, Maria Nazareth Soares. A literatura negra: os sentidos e as ramificações. Literafro. 2014. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes. Acesso em: 14 mar. 2024.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Aimé Césaire: a palavra empenhada. Portal literafro. [literÁfricas]. 2013. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafricas/literaturas-afro-diasporicas/1387-maria-nazareth-soares-fonseca-aime-cesaire-a-palavra-empenhada. Acesso em: 14 mar. 2024.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. literÁfricas [texto de apresentação do projeto]. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafricas. Acesso em: 14 mar. 2024.

PROENÇA FILHO, Domício. O negro e a literatura brasileira. Boletim Bibliográfico [da] Biblioteca Mário de Andrade, v. 49, n. . jan./dez. 1988. p. 78.

RIGUEIRA JÚNIOR, Itamar. Antologia afrodescendente. Boletim UFMG, Belo Horizonte, n. 1755, ano 38, 31 out. 2011. Disponível em: https://www.ufmg.br/boletim/bol1755/8.shtml. Acesso em: 14 mar. 2024.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2002. 384 p. (Coleção Milton Santos; 1).

SHONIBARE, Yinka. The British Library [instalação]. 2014. Disponível em: https://www.tate.org.uk/art/artworks/shonibare-the-british-library-t15250. Acesso em: 14 mar. 2024.

TANUS, Gustavo. literafro − o portal da literatura afro-brasileira e sua re-configuração, entrevista com o idealizador do projeto, Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte. Signo, v. 43, n. 76 jan./abr, 2018, p. 99-102.

Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional